

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
CFORM/ MEC/ SEEDF

**POSSÍVEIS CAUSAS DO DESINTERESSE EM APRENDER: UM ESTUDO DE  
CASO**

SANDRA MARCIA BRAGA VIANA

BRASÍLIA, 2015  
SANDRA MARCIA BRAGA VIANA

**POSSÍVEIS CAUSAS DO DESINTERESSE EM APRENDER: UM ESTUDO DE  
CASO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Letramentos e práticas interdisciplinares nos anos finais (6<sup>a</sup> a 9<sup>a</sup> ano) como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Letramentos e práticas interdisciplinares.

Orientador: Prof. Dr. Harrison da Rocha

Brasília, dezembro de 2015.

BRASÍLIA, 2015  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
CFORM/ MEC/ SEEDF

**POSSÍVEIS CAUSAS DO DESINTERESSE EM APRENDER: UM ESTUDO DE  
CASO**

A Comissão Examinadora, abaixo nominada, aprova o Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em letramentos e práticas interdisciplinares nos anos finais (6ª a 9ª ano) da aluna

SANDRA MARCIA BRAGA VIANA

---

Professor Orientador

---

Professor Avaliador

---

Professor Avaliador

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015

Se a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada indissolúvelmente à sua ação sobre o mundo, não existe no ser, seu estar no mundo se reduz a um não poder transpor os limites que lhes são impostos pelo próprio mundo, do que resulta que este ser não é capaz de compromisso. É um ser imerso no mundo, no seu estar, adaptado a ele e sem ter dele consciência. Sua imersão na realidade, da qual não pode sair, nem "distanciar-se" para admirá-la e, assim, transformá-la, faz dele um ser "fora" do tempo ou "sob" o tempo ou, ainda, num tempo que não é seu.

O tempo para tal ser "seria" um perpétuo presente, um eterno hoje. A-histórico, um ser como este não pode comprometer-se; em lugar de relacionar-se com o mundo, o ser imerso nele somente está em contato com ele. Seus contatos não chegam a transformar o mundo, pois deles não resultam produtos significativos, capazes de (inclusive, voltando-se sobre ele) marcá-los. Somente um ser capaz de sair do seu contexto, de "distanciar-se" dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se. Além disso, somente este ser é já em si um compromisso.

Este ser é o homem.- Paulo Freire

Ao Eterno, que me concede o fôlego da vida e a alegria de viver, mesmo nas circunstâncias difíceis.

À minha maravilhosa tutora no curso de Letramento e Práticas Interdisciplinares, Marta Bruguer.

Meus sobrinhos Douglas Braz, Donnie César, Lílian Cristina, pela paciência ao me ajudarem com o “monstro” do computador.

Claudio Viana, meu marido; e Heitor Padua, meu filho, anjos de Deus enviados para cuidar de mim, me proteger e propiciar condições para que eu pudesse estudar e escrever.

À Professora de História Vanuza Gonçalves de Moura, minha companheira de estudos, que me proporcionou a oportunidade de acompanhar seu trabalho em sala de aula ajudando-me na aplicação e recolhimento dos questionários.

Aos alunos e pais que me concederam o privilégio de entrar em suas vidas e utilizar os dados em minha pesquisa.

À queridíssima Nair Tuboiti pelas boas conversas que me despertam o desejo de aprender e ensinar melhor.

Ao meu orientador Dr. Harrison da Rocha pela generosidade, paciência, compreensão e bom humor. Um presente para mim, não fosse a tranquilidade e sabedoria dele eu realmente não teria conseguido finalizar este trabalho.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	11
2.1	Letramento - Concepções.....	11
3	METODOLOGIA.....	19
3.1	Classificação do método de pesquisa.....	19
3.2	Coleta, organização e análise de dados.....	23
4	DISCUSSÃO E RESULTADOS.....	25
4.1	Aspectos gerais.....	25
4.2	A professora.....	25
4.3	Os alunos.....	26
4.4	A família.....	30
5	Considerações finais.....	34
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

## RESUMO

Este estudo de caso surgiu a partir dos questionamentos diários feitos por professores sobre os motivos que levam os alunos a não terem interesse em aprender. Para verificar o que as famílias, a professora de História e os alunos de uma turma específica, o 6ºG, pensam sobre o assunto questionários foram aplicados aos pais e alunos e uma entrevista semiestruturada foi realizada com a professora. Foi também dada atenção especial ao letramento e a importância de ter um aluno não só alfabetizado, mas também letrado, que saiba dar sentido ao que lê. A base teórica é constituída principalmente por Abramovic e Mool (1997), Abramovai (2004), Kleiman (2001) Varani (2010), Szymansk e Pezzini (2010), Raash (2006), Bauer e Gaskel (2003), Nogueira (2005 e 2006) Minayo (2010). A análise dos dados mostrou o baixo envolvimento da família, o despreparo dos professores e a importância da formação e aperfeiçoamento do profissional de educação, além da falta de conexão dos conteúdos aplicados em sala de aula com o cotidiano dos alunos. Evidencia-se a falta de políticas públicas que promovam a interação entre os componentes da comunidade escolar para que todos tenham como objetivo letrar nossos alunos, trazendo, assim, uma melhora na qualidade de ensino oferecida a eles.

Palavras chave: aprendizagem, desejo, letramento.





## 1 INTRODUÇÃO

A partir da década de 1990, muito se tem falado sobre o desinteresse dos alunos em aprender. Por anos, em todos os Conselhos de Classe, nas conversas informais de corredor e sala de professores, nos atendimentos aos familiares, os profissionais de educação afirmam que a maior dificuldade enfrentada por eles é o desinteresse dos alunos. O que fazer para que os alunos manifestem desejo em aprender? As colocações dos pais/responsáveis também são parecidas. Afirmam que, no seu tempo, era diferente e que não sabem mais o que fazer por seus filhos. É comum ouvir e ver veiculadas pelos meios de comunicação notícias, reportagens, resultados de pesquisas e avaliações que encaminham para o mesmo discurso: os alunos são desinteressados, desmotivados, as famílias não participam como deveriam, e o ensino precisa melhorar.

Ao finalizar o século XX e iniciar o XXI, vimos um mundo bastante modificado, em quase todas as áreas. O individualismo que prevalece sobre a solidariedade, a globalização de mercados intensa afetando a sociedade, a economia e a política de todos os países, alguns destes se tornando mais ricos e outros mais pobres. Além disso, os valores tradicionais de cada país são fortemente contestados e modificados, e um aparato de tecnologias e meios de comunicação, inimagináveis no início do século XX, estão disponíveis para grande parte da população mundial.

Em meio a todas as inovações e modificações, não há como desconsiderar a educação, pois ela não pode estar à margem desses acontecimentos. Pelo contrário. Deve estar inserida nesse processo e se adequar às novas necessidades de sua clientela. No entanto, a educação que a maior parte das escolas públicas tem oferecido é incompatível com o desenvolvimento das outras áreas, e não atende às necessidades e desejos de seus alunos.

No ano de 2013, os coordenadores das escolas públicas do Distrito Federal foram convocados a participar de um curso oferecido pela Escola de Aperfeiçoamento(EAPE) . A Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal (SEEDF) pretendia que os coordenadores fossem reproduzir, na instituição de ensino em que trabalhávamos conteúdos e textos tratados no curso. De junho até dezembro, estudamos juntos. Em 2014, a percepção de que deveríamos continuar

estudando prevaleceu. Foram estudados assuntos relacionados ao Currículo em Movimento, Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, Avaliação, Formação de professores, Letramentos, Temas Transversais, Interdisciplinaridade, Gestão Participativa, Multiletramentos, enfim, assuntos que são pertinentes ao trabalho do professor.

Sou professora de História readaptada ansiando por ver dias melhores na educação e principalmente na escola em que trabalho. Dispus-me, no ano de 2015, a continuar o trabalho iniciado nos anos anteriores. Não conseguia ver outras possibilidades que não fossem voltadas para estudar e unir-me a colegas que colocassem em prática algumas teorias que julgávamos ser possíveis de aplicar. Outra professora de minha área, que também está fazendo um curso pelo CEFORM/UnB, se aliou a mim e juntas analisamos os 6<sup>os</sup> anos e escolhemos o 6<sup>o</sup>G, por ser uma turma com alunos de várias idades, níveis diferentes de aprendizagens e comportamentos, em sua maioria considerada inadequados, com famílias pouco participativas.

Assim, com o objetivo de evidenciar, por meio da análise do comportamento dos alunos do 6<sup>o</sup>G, anos finais, e das aulas e conteúdos oferecidos na disciplina de História, os motivos que os levam a não manifestarem desejo em aprender História bem como a participação e o comprometimento (ou não) das famílias e dos professores na mudança desta realidade. Serão relacionadas possíveis soluções do problema de maneira que os índices de retenção e evasão sejam diminuídos e que a vontade dos alunos pelo aprendizado seja estimulada.

Identificar as práticas sociais que fazem parte do cotidiano de alunos, professores e pais no que diz respeito ao desinteresse dos discentes em sala de aula por causa dos conteúdos oferecidos, da postura da professora de História, dos pais e da política pedagógica adotada na escola, tornar-se-á possível uma aprendizagem mais significativa e propiciará que todos os envolvidos no processo sejam fortalecidos para melhor desempenharem suas funções de agentes e construtores de seus espaços na sociedade de maneira efetiva e substancial.

Segundo Barbosa, (2008, p.1)

[...] um sistema de monitoramento e avaliação de projetos só pode ser implementado com sucesso com a definição dos meios para a obtenção de dados confiáveis sobre processos, produtos e resultados. Um sistema de

avaliação, mesmo com um planejamento perfeito, pode fracassar inteiramente se os dados necessários para a análise não puderem ser obtidos, ou se os mesmos são imprecisos e semconfiabilidade.

É dever de todos não só da escola ou da família, garantir os direitos das crianças e adolescentes. Houve um tempo em que os papéis eram bem delimitados. Alguns assuntos eram de obrigação da escola na qual os pais não tinham direito de interferir nem opinar e nem pensavam em tal possibilidade. A escola também não se imiscuia nas questões familiares.

As transformações ocorridas em nossa sociedade levaram a uma divisão de responsabilidades. A família não é mais a única responsável pelo desenvolvimento escolar, bem-estar e pela vida das crianças e adolescentes. Há uma troca de papéis. A escola está se preocupando com normas e condutas das crianças, e a família se ocupando do ensino de seus filhos. É sabido que algumas atribuições são específicas da família, outras, porém, a escola tem mais capacidade para resolver.

Torna-se fundamental que o educador conheça os fundamentos da aprendizagem e as principais teorias sobre motivação. Se ele não entender como os alunos aprendem, não conseguirá motivá-los.

A desvinculação dos conteúdos com o cotidiano do aluno é vista como algo externo e aparentemente sem serventia, acrescido da má formação do professor. Isso implicam maior descaso com a aprendizagem. Como afirma Fonseca (1994) “percebe-se a necessidade de repensar os processos de produção e difusão do conhecimento (...), criar novas formas de trabalho (...).”

Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069, artigo 4º, afirma que:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990, p. 1).

Para Kaloustian (1998, pp. 11-12):

(...) a família é o espaço indispensável para a garantia da sobrevivência e desenvolvimento e da proteção integral dos filhos e demais membros, independente do arranjo familiar ou da forma como se vem estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos, e, sobretudo, materiais

necessários ao bem estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos o valor ético e humanitário, e onde aprofundam os laços de solidariedade.

A educação, portanto, é um dever da família e da escola. Ambas devem interagir para garantir os direitos das crianças e adolescentes, nas questões referentes ao ensino, dando-lhes suporte e apoio para o pleno desenvolvimento da aprendizagem. (VARANI e SILVA, 2009).

O assunto em questão não é novidade e há muitas obras escritas sobre o tema. No entanto este trabalho, ao mostrar que o desinteresse em aprender não está relacionado apenas aos problemas pedagógicos, planos de ensino, conteúdo, poderá sinalizar que algumas atitudes poderão ser tomadas por todos os envolvidos – escola, família, professor. Isso possibilitará uma análise global do problema. Poderá provocar mudanças consideráveis e, assim, diminuir os índices de reprovação e evasão escolares e aumentar a autoestima dos alunos e – por que não? – dos professores.

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

### 2.1 Concepções

LIMA (2006) afirma que desejo é o sentimento forte do querer. É querer tanto que se faz necessário a busca de formas para realizá-lo. Ele não pode ser confundido com necessidade ou vontade. A necessidade pode ser caracterizada como um conceito biológico, natural; implica uma tensão interna que impele o organismo numa determinada direção no sentido de uma busca de redução dessa tensão. E a vontade é o resultado de uma escolha, uma resolução pensada, refletida.

[...] o desejo é uma tensão em direção a um fim considerado pela pessoa que deseja como uma fonte de satisfação. É uma tendência algumas vezes inconsciente ou reprimida. Quando consciente, o desejo é uma atitude mental que acompanha a representação do fimesperado, o qual é o conteúdo mental relativo à mesma. (...) tradicionalmente, o desejo pressupõe carência, indigência. Um ser que não carecesse de nada, seria um ser perfeito, um deus. Por isso Platão e os filósofos cristãos tomam o desejo como uma característica de seres imperfeitos. (RUDEL, 2007, p.35)

Para ter desejo de aprender, é necessário que se queira muito saber algo e que esse algo contribua de forma significativa para a vida. Os alunos precisam que o desejo de aprender seja despertado neles de forma que sintam necessidade de aprender tal conhecimento, que esse conhecimento lhe pareça importante, pois só aprenderá aquilo que lhe der prazer.

Os professores deveriam agir como os profissionais de propaganda. Eles convencem os indivíduos que são especiais se e somente se obtiverem tal ou tal produto. Motivar os alunos à aprendizagem precisa ser o foco de todo professor, pois o processo de aprendizagem depende da razão que motiva a busca do conhecimento. Quando o aluno não percebe de que modo o conhecimento poderá ajudá-lo, como poderá desejar algo que não tenha utilidade para ele? A falta de desejo de aprender dos alunos se daria porque o conteúdo colocado é muito distante de suas realidades de vida. Se o aluno perceber de que modo o conhecimento pode ajudá-lo, logo manifestará seu desejo de aprender. O interesse precisa ser mantido após o alcance dos primeiros desejos. É preciso sempre inovar.

A participação dos pais tem sido vista como uma das razões do bom ou mau desempenho dos adolescentes na escola. Alguns comportamentos desfavoráveis apresentados no cotidiano escolar mostram que atitudes básicas como respeito foram esquecidas. A escola não tem condições de resolver todos os problemas relacionados à educação dos alunos. Há que se entender que o papel da família é imprescindível no processo ensino-aprendizagem. Os pais dos alunos que apresentam problemas de aprendizagem e comportamento são convocados e, ao comparecerem na escola, na maioria das vezes, esbravejam, ameaçam, ficam indignados com as atitudes dos filhos, porém, no decorrer dos dias, tudo continua igual. Há aqueles pais que já chegam dizendo que não sabem mais o que fazer. Alardeiam que desistiram de tentar ajudar os filhos e, por esse motivo, os deixará a cargo do Conselho Tutelar.

Nas residências da maioria dos alunos em questão, pouco se fala sobre estudos. Eles não possuem horários determinados para estudar ou fazer qualquer outro tipo de atividade. Os pais não monitoram as atividades diárias de seus filhos, familiares não leem e não dão exemplo da importância de se estudar. Os resultados são perceptíveis tanto nas questões comportamentais quanto nas de aprendizagem. O que falta a eles é motivação. Não conseguem entender uma verdade essencial: ninguém aprenderá por eles!

Limites e normas devem ser estabelecidos e respeitados pelos pais e/ou familiares. Mecanismos de cobrança para o não cumprimento das normas e acordos estabelecidos são essenciais. Disciplina não acontece por acaso, é um conceito que se constrói que se incorpora, mas que para isso precisa ser vivenciado. D'Antola (1989, p.81) oferece um conceito para disciplina:

[...] expressa conduta organizada, metódica, coerente, que permite realizar determinadas intenções. Sujeito disciplinado é aquele capaz de adequar o seu comportamento a determinadas regras, estabelecidas por ele próprio ou por outro, mas assumidas por ele, de modo a conseguir a organização necessária para que os resultados esperados sejam atingidos.

O que temos oferecido aos nossos educandos, na maioria das vezes, não é nem um pouco atraente. As escolas passam por fatos desfavoráveis relacionadas ao corpo docente que nem sempre é bem preparado e não recebe salários adequados ao seu trabalho, bem como o grande número de contratos temporários; instalações físicas

inadequadas e falta de propósitos em suas metas, dentre outros. “Para que serve estudar?” Ouvimos com frequência esse bordão. Os próprios alunos comentam que estudar não lhes proporcionará uma boa colocação de emprego e nem lhes será uma garantia de entrar em uma universidade; dessa forma, falar aos estudantes que estudar é importante que é agradável não fará com que eles realmente mudem de postura diante dos estudos. É preciso fazer uma escola onde estudar seja de fato algo positivo! A formação do professor e a sua visão social são determinantes, junto às suas atitudes em sala de aula e à organização do ensino. A ação do professor deve conseguir dos alunos um comprometimento pessoal com a própria aprendizagem. Essa motivação depende de vários fatores, sejam pessoais ou contextuais.

A mola propulsora do mundo tem sido o dinheiro. A necessidade de consumir infinitamente mais do que o necessário para viver, acompanhada de um exacerbado individualismo que se sobrepõe à coletividade, ajudada pela globalização que promove a massificação de ideias e a consolidação de costumes, em detrimento das culturas próprias de cada povo, retirou das escolas o campo filosófico, o debate de ideias, a formação de opiniões, a capacidade argumentativa. O principal interesse preconizado pelas escolas tem sido o de formar cidadãos conscientes e plenos, porém não é o que ocorre, pois no mínimo estamos formando-os para que obtenham empregos.

Embora falemos constantemente que o aluno possui direitos e deveres e que a escola é um dos lugares onde ele aprenderá cidadania, isso não representa o que de fato ocorre. Cidadania significa estar no pleno gozo de seus direitos civis e políticos (FERREIRA, 1997, p.105), portanto no direito ao livre pensamento. Porém ao educando é vetada essa liberdade. Em muitas ocasiões as opiniões deles não são levadas em consideração e poucas escolas possuem conselhos de classe participativos, nos quais o trabalho dos docentes poderia receber críticas e sugestões, assim como o dos alunos recebe.

Trabalhar não confere *status*. Consumir confere. Os discentes vivem em uma sociedade que lhes apresenta como modelo de necessidade o consumir. Fundamental não é trabalhar e, sim, ter um cartão de crédito. Não é esperado deles

que sejam trabalhadores, mas que consumam mesmo que não trabalhem. (FREITAS, 2005, pp. 85-86).

A escola quase sempre desempenha o papel de transmitir a ideologia dominante, contribuindo para criar uma consciência de submissão e aceitação das realidades como elas se mostram. Os professores recebem as leis e projetos prontos para colocar em execução e, não raro, se sentem impotentes diante do “produto acabado” por comodismo ou medo. Além desses fatos, há um número enorme de diretores e gestores déspotas, que ocupam seus cargos por indicação política. Retirei a frase final

Ensinar não significa transferir conhecimento ou repassar saber, e, sim, motivar o processo emancipatório do estudante com base no saber crítico, criativo, atualizado e competente. No entanto nem mesmo o professor é emancipado, isso é perceptível no apego que se tem ao livro didático, à organização das turmas/salas em fileiras, à aversão por conselhos de classe participativos. Muitos de nossos alunos podem não apresentar desejo de aprender, ou se mostrar apáticos, alienados e sem o mínimo de interesse pelo que lhes é apresentado em sala de aula, impossibilitando, assim, o processo emancipatório que consiste em ter autonomia, quer dizer, dirigir-se por sua própria vontade.

Produzir ações e vivenciá-las com os alunos por meio de temas estimulantes e procurar sempre o sentido do que se faz, criar atitudes, valores e normas, farão com que o professor tenha condições para gerar uma situação propiciadora de autonomia e segurança, não só para os estudos, mas também para a vida. De acordo com os PCN, “...a autonomia é tomada ao mesmo tempo como capacidade a ser desenvolvida pelos alunos e como princípio didático geral, orientador das práticas pedagógicas.” (PCN, 2005, vol. 1, p. 94).

A autonomia é criada pela oportunidade de participação. O aluno precisa se sentir acolhido, respeitado, encorajado a fazer perguntas sobre o que não entendeu, sem medo de ser diminuído pelo professor ou pelos colegas. Ao professor caberia dar as diretrizes para que os alunos sejam críticos, organizados, que tracem metas, questionem e não tenham na figura do professor alguém infalível e dono da verdade. As crianças que são levadas a obter apenas as competências mínimas aprendem



menos que as que são encorajadas a pensar ativa e criticamente (KAMIL, 1986, p. 120). Ao se comprometer com os valores de uma escola democrática, além da competência técnica, ao professor caberá também a vivência coletiva na qual atitudes de respeito ao aluno, incentivo ao diálogo e a participação devem ser constantes.

O adolescente é um ser em movimento de crescimento. Com o avanço das ciências neurológicas e com os recursos de investigação de imagens, hoje disponíveis, tem-se descoberto que o cérebro do adolescente se movimenta e cresce até o final desse momento de vida. E o que caracteriza a vida do adolescente é a descoberta do mundo para além da família e sua relação com ela. O adolescente é irrequieto e parece estabado. Mas, de fato, o que ocorre é que seu corpo se movimenta num crescimento bastante rápido, de forma que o seu próprio sistema nervoso não dá conta de acompanhar esse crescimento, de modo imediato. Por isso, o adolescente, muitas vezes, tem sido tachado de descuidado em seus atos e condutas (derruba objetos que não deveria derrubar; quebra objetos que não deveria quebrar: diz coisas que não deveria dizer...). De fato, ocorre que seu sistema nervoso ainda não conta de administrar todo o seu crescimento, os braços cresceram rapidamente e são “longos demais”, a voz a caminho do amadurecimento produz gaitadas, a compreensão mental está se abrindo para o entendimento de muitas coisas novas que se lhe apresentam na vida...Assim sendo o adolescente é um ser irrequieto. Suas atividades lúdicas têm a ver com suas características biológicas e psicológicas. Por vezes, nós adultos “não temos tolerância” com os modos de ser do adolescente. Chegamos mesmo, no cotidiano, a cunhar o termo pejorativo para essa fase da vida- “aborrecência”-, o que, a mim, me parece um processo de recusa do adolescente no seu modo de ser, um modo de exclusão. Esse termo, a meu ver, não deveria ser utilizado, nem mesmo por uma “certa” jocosidade. Só a compaixão nos permite ver que já fomos exatamente dessa forma, (irrequietos, “desastrados”, “foras de prumo”...) e, por isso mesmo, poderemos (e podemos) acolher os adolescentes como eles são, cientes de que essa fase se processará na direção da vida adulta, como ocorreu com cada um de nós. Deste modo, o adolescente brincará com as características do adolescente. Seus brinquedos e suas atividades diante da vida e dos relacionamentos serão completamente diferentes dos brinquedos e das atividades da criança que já fora. Os adolescentes têm consciência de que se encontram em processo de uma nova fase de sua vida pessoal e que ela é diferente da criança, assim como o é do adulto. O fazer-se adolescente tem seu modo de ser próprio e as brincadeiras também serão próprias. Elas exigem bastante movimento seja no corpo, seja na fala, seja nas relações. (LUCKESI,2006).

A habilidade da leitura precisa ser desenvolvida nos alunos, pois os mesmos chegam ao 6ºano com muita dificuldade em leitura e interpretação de textos. Alguns não conseguem nem decodificar e escrevem seus próprios nomes com letras minúsculas, o que demonstra a dificuldade que os professores encontram para ensinar qualquer conteúdo a eles. Ao abrir o livro de História, a maioria só junta as letras. Sem a condição de saber ler, como uma pessoa poderá ter plena participação social e acesso à informação e à cidadania? É preciso levar nossos alunos a “ler o

mundo”, os filmes, as placas, a música, o jornal, o discurso político, as entrelinhas, as obras de arte, o gráfico, o e-mail, os livros, os textos visuais, escritos e auditivos. Ler desenvolve as habilidades cognitivas, e uma pessoa que não lê dificilmente escreverá bem. Fazer uma leitura inferencial, objetiva e avaliativa tornará o aluno sujeito de sua própria vida. A leitura fará sentido e terá coerência quando conseguirmos perceber as intenções do autor, trabalhar a leitura com os alunos é mais que fazê-los entender as palavras, mas sim, fazer com que entendam o contexto em que foi produzido, o gênero em que está inserido com suas características e formas específicas, as intenções do produtor do texto e as informações implícitas fornecidas pelo texto.

Há algumas estratégias e aspectos que podem ser desenvolvidos com textos em uma aula de História. Possibilitar aos alunos que tenham contato com diversos gêneros, dentro de uma mesma temática. Para cada gênero textual, há uma construção textual específica de acordo com a intencionalidade, a informatividade, a estruturação e o contexto histórico. Gênero é sinônimo de historicidade. Entende-se que todas as disciplinas têm a tarefa primordial de ensinar a ler e a escrever, e o professor é aquele que apresenta as diferentes possibilidades de leitura em variados gêneros. Ele conduzirá os alunos nessa caminhada e os levará a estabelecer significados e interpretar textos e situações diferenciadas que lhes proporcionarão novas experiências e novas formas de utilizar a leitura e a escrita. Em meados da década de 1980, estabeleceu-se um contraste entre alfabetização e letramento. E nas duas últimas décadas do século passado, a maneira de pensar em relação à leitura e à escrita vem se transformando bastante. Teóricos têm modificado suas concepções no que diz respeito à linguagem:

... e ela passa a ser vista como um processo dinâmico em contextos significativos da atividade social em todos os seus aspectos, quer sejam eles: familiares, comunitários, profissionais, religiosos, etc. Contudo, entendemos que uma pessoa não aprende unicamente pelo que tem de individual, mas também pelo contexto que a cerca, incluindo significados e usos produzidos em suas redes de relações com o outro. (SILVA. 1995, p.2)

O letramento é um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários (MARCUSCHI, 1995, p.122). Porém definir o termo letramento não é tarefa fácil, pois até os especialistas que estudam o fenômeno divergem entre si sobre o conceito de letramento. Entretanto

apresentaremos a seguir as duas principais dimensões do letramento: a individual e a social explicitadas por Soares (1988).

A dimensão individual do letramento parte do pressuposto de que letramento é um atributo pessoal, relacionado à simples posse individual das tecnologias mentais complementares de ler e escrever, portanto o indivíduo, para ser letrado, necessita pelo menos ter ido à escola e aprendido a ler e escrever. Desse modo existe uma relação muito próxima entre alfabetização e letramento, pois é a educação formal que se responsabiliza pela alfabetização da maior parte das pessoas, principalmente daquelas pertencentes às classes mais desfavorecidas. De acordo com essa concepção, a aquisição da leitura e da escrita por uma pessoa pode trazer-lhe consequências e também alterar sua condição em muitos aspectos: econômicos, linguísticos, cognitivos, políticos, culturais, psíquicos e sociais.

A dimensão social do letramento pressupõe que a introdução da escrita em uma determinada sociedade, sem forte relação com ela, pode trazer também aos grupos transformações/consequências políticas, sociais, econômicas e linguísticas. Não é possível definir letramento sem fazer uma análise sociocultural desse fenômeno.

Há uma preocupação dos especialistas em relação à dimensão individual do letramento, pois poderia contribuir para a disseminação das ideias conservadoras que acabam por discriminar e marginalizar pessoas ou grupos de pessoas que não possuem a tecnologia do ler/escrever, por não terem tido acesso à educação formal, e que são rotuladas por puro preconceito de “analfabetas”.(SILVA,2008,p.6).

Em todo o sistema educacional, existe uma quantidade enorme de estudantes que não compreendem o que estão lendo. Leem mecanicamente, apenas juntam as letras sem saber dar significado a elas. Ler para eles é um castigo. Sempre estamos envolvidos em eventos de letramento ou de leitura em nosso cotidiano e isto deveria ser assim natural, na escola. Porém, as primeiras experiências dos estudantes com a leitura em sua maioria, não foram nada agradáveis. Quando falamos em ler o que lhes vem à mente são as longas cópias, os ditados e textos que não têm nada de interessante do ponto de vista deles. A atividade árida e tortuosa de decodificar as palavras não tem nada a ver com a atividade prazerosa de pegar um livro e se perder na leitura esquecendo o mundo ao redor.

Aulas com leitura e escrita podem conscientizar o aluno do potencial do texto para construir sentidos de acordo com três níveis de processamento da leitura. A leitura objetiva, abordando o que está explícito no texto; a leitura inferencial, o aluno faz inferências sobre o que está implícito no texto; há uma interação leitor-texto, ele não está apenas decodificando palavras e frases, mas, sobretudo, dando sentido às palavras e frases; a leitura avaliativa, na qual o aluno ultrapassa o texto, se posicionando criticamente a partir de suas ideologias e julgamentos pessoais diante das ideias expressas pelo autor, sendo assim, uma ponte para a produção de texto.

espaço

Para uma pessoa ser considerada letrada, necessita pelo menos ter ido à escola e aprendido a ler e escrever. Desse modo, existe uma relação muito próxima entre alfabetização e letramento, pois é a educação formal que se responsabiliza pela alfabetização da maior parte das pessoas, principalmente daquelas pertencentes às classes mais desfavorecidas. De acordo com essa concepção, a aquisição da leitura e da escrita por uma pessoa pode trazer-lhe consequências e também alterar sua condição em muitos aspectos: econômicos, linguísticos, cognitivos, políticos, culturais, psíquicos e sociais.

O letramento... é o uso da escrita na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas sabe o valor do dinheiro, sabe o ônibus que deve tomar, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas e sabe muita outra coisa, mas não escreve cartas nem lê jornal, até o indivíduo que desenvolve tratados de Filosofia e Matemática. Como se disse acima, letramento distinguir-se-ia de alfabetização, podendo, eventualmente, envolvê-la. (MARCUSCHI, 1995, p. 126.).

É errôneo pensar que há apenas uma forma de interpretar um texto e apenas uma maneira de ler. Não há uma forma que seja a autorizada fazendo com que as outras sejam consideradas erradas ou inferiores. Textos não são produtos prontos e acabados, significados são reconstruídos na leitura que envolve ativação de sistema de valores crenças e atitudes, acordos implícitos quanto às condições de leitura, subentendidos quanto à estrutura e à forma do texto, estratégias baseadas em conhecimento linguístico e conhecimento e conhecimento de mundo.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Classificação do método de pesquisa

Para que a pesquisa seja reconhecida e aceita, necessário é que se tenha um método de pesquisa que não seja exclusivamente o já consagrado método quantitativo. Este método, que surgiu da necessidade de se compreender a realidade, tem como principal característica a racionalidade técnica, baseada no positivismo que priorizava informações estritamente quantitativas. Porém as questões subjetivas, surgidas no contexto social, não eram contempladas por esse método.

Assim, o método escolhido para a realização da pesquisa foi predominantemente o qualitativo, pois o objeto deveria ser analisado de vários ângulos: questionários, entrevistas, observações *in loco*. As características desse tipo de pesquisa são: a escolha adequada dos métodos e teorias oportunas; o reconhecimento e análise de métodos sob diferentes perspectivas; as reflexões do pesquisador a respeito de sua pesquisa como parte da produção de conhecimento e a variação de abordagens e de métodos.

A pesquisa social consiste em investigar as relações sociais estabelecidas por seres humanos, que possuem uma historicidade, crenças e valores, e aborda todos os sujeitos participantes para saber como cada um influencia na construção do conhecimento. Segundo Minayo (2010), o objeto de estudo das ciências sociais é histórico. Os seres humanos têm experiências e vivências de acordo com sua época. O homem está sempre procurando compreender a realidade que vive desde os primórdios e, por ser pensante, busca entender a sociedade em que vive voltando ao passado para construir o futuro.

O estudo de caso, forma escolhida para a apresentação da presente pesquisa, surgiu primeiramente na Sociologia e Antropologia ao final do século XIX e início do século XX, com o propósito de realçar as características e atributos da vida social. Na educação a modalidade surgiu posteriormente, nas décadas de 1960-1970, apenas como estudo descritivo de uma unidade: uma escola, um professor, uma sala

de aula. A conferência Internacional realizada em Cambridge, Inglaterra, 1972, teve a perspectiva de que o estudo de caso sempre envolve uma instância em ação, entretanto ele não é um método específico, nem uma escola metodológica, mas uma forma particular de estudo e uma escolha do objeto a ser estudado. Retireibiblio espaço

Bauer e Gaskell (2003), na obra “Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um Manual Prático” consideram que categorizar o presente e, às vezes, predizer futuras trajetórias é o objetivo de toda pesquisa social. Afirmam ainda que não há “um modo ótimo” de fazer pesquisa social, mas que o caminho pode ser encontrado através de uma consciência adequada dos diferentes métodos, de uma avaliação de suas vantagens e limitações e de uma compreensão de seu uso em diferentes situações sociais, diferentes tipos de informações e diferentes problemas sociais.

Não se trata, porém, de que a pesquisa quantitativa seja melhor ou mais precisa que a pesquisa qualitativa ou vice-versa. Os autores estão se esforçando para superar as polêmicas criadas em torno das duas tradições de pesquisa social apoiados nos seguintes pressupostos: não há quantificação sem qualificação; não há análise estatística sem interpretação; pluralismo metodológico dentro do processo de pesquisa; além da lei do instrumento; a ordenação do tempo; procedimentos e padrões claros para identificar uma boa prática e uma prática ruim.

A pesquisa social é inevitavelmente influenciada pelos interesses e pelas formações social e cultural dos envolvidos, sendo que o aspecto qualitativo abre muitas possibilidades de análise, o que não acontece com o método quantitativo. Este, ao invés de analisar globalmente, analisa-se parcialmente o objeto. O primeiro abre uma variedade de perspectivas sobre ele, partindo dos significados subjetivos e sociais a ele relacionados, recuperando, assim, não apenas a visão integral da pesquisa como também o processo de construção do conhecimento. Portanto as possibilidades de se analisarem dados para além dos textos aumentam as categorias de análise e os vários ângulos do objeto a ser estudado. A pesquisa de cunho social apresenta diferentes recursos e instrumentos para a coleta de dados tais como: a análise etnográfica, a observação do fenômeno durante a investigação, as entrevistas, estruturadas ou não, os questionários, os vídeos, as gravações em áudio, as fotografias e o exame de documentos são alguns desses novos recursos.

Ninguém começa uma pesquisa sem conhecimento prévio da teoria adotada, pois não é possível fazer pesquisa social sem considerar o processo linear no qual as teorias e os métodos antecedem o objeto de pesquisa. No processo as teorias serão testadas; poderão ser ampliadas por meio de hipóteses adicionais, que terão de ser novamente testadas empiricamente, e assim por diante. Porém o processo de circularidade dá preferência aos dados e ao campo em estudo e obriga ao pesquisador a refletir constantemente sobre todo o processo de pesquisa e sobre etapas específicas à luz das outras etapas. Constatamos, assim, que há interdependência mútua das partes isoladas do processo.

Para a realização desta pesquisa “Possíveis Causas do Desinteresse em Aprender: um Estudo de Caso” , como uma pesquisa exploratória:

[...] tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vistas na formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores... constituindo, muitas vezes, a primeira etapa de uma investigação mais ampla (GIL, 1994, p. 44).

A pesquisa qualitativa é muitas vezes vista como uma maneira de conferir poder ou dar voz às pessoas, em vez de tratá-las como objetos, cujo comportamento deve ser quantificado e estatisticamente modelado. Para uma boa cobertura dos acontecimentos sociais, exigem-se muitos métodos e dados: um pluralismo metodológico se origina como uma necessidade metodológica. A investigação da ação empírica exige a observação sistemática dos acontecimentos, para que se infiram os sentidos desses acontecimentos das (auto) observações. Dos atores e dos expectadores exigem-se técnicas de entrevista; a interpretação dos vestígios materiais que foram deixados pelos atores e expectadores exige uma análise sistemática (BAUER E GASKEL, 2008).

O local da pesquisa é uma escola pública da cidade de Ceilândia/ Brasília, composta por pouco mais de setecentos alunos e que têm visto, ano a ano, o Índice de Educação Básica (IDEB) despencar e os índices de reprovação e evasão crescerem. Este quadro deixa os profissionais da educação preocupados. Neste ano (2015), o estabelecimento deveria ter matriculado mais de mil alunos de acordo com a estratégia de matrícula. Esse número não foi alcançado e, nos meses de março e abril – como se não bastasse –, houve uma debandada de alunos transferidos para

outras escolas por causa da assustadora violência e tráfico nas imediações da escola e mesmo dentro dela.

Os instrumentos utilizados para realizar esta pesquisa foram: notas de campo; grupos focais (pais/professores/alunos de uma turma de 6ºano do ensino fundamental em Ceilândia); entrevista semiestruturada com a professora de História da turma. Outro questionário foi aplicado aos pais e outro aos alunos. A escolha da turma não foi feita de maneira aleatória. No segundo semestre de 2014, a professora de História demonstrou interesse em colocar em prática algumas atividades baseadas em estudos teóricos que havíamos feito nas coordenações pedagógicas desde 2013 e no curso sobre coordenação pedagógica que ela iniciara pelo Centro de Formação/Universidade de Brasília (CFORM/UnB). Até aquele momento, ela trabalhava de maneira estritamente tradicional, e os alunos não obtinham resultados favoráveis, o que a deixava preocupada e com desejo de vê-los progredindo. As turmas com resultados piores eram as últimas (6ºs E, F, G, H), então, quando iniciamos 2015, começamos a acompanhar o trabalho desenvolvido por ela, sugerindo, debatendo, lendo juntas e, assim, decidimos que a turma a ser pesquisada seria o 6ºG, por ser uma turma mais heterogênea.

Os dados coletados precisam ser confiáveis. É importante que nenhuma característica do instrumento de pesquisa receba maior atenção que as outras, pois isso comprometeria todos os dados e, portanto, toda pesquisa. Técnicas e medidas adequadas aumentam a precisão e a confiabilidade dos dados coletados.

Os questionários, também chamados *de survey* (pesquisa ampla), é um dos procedimentos mais utilizados para obter informações. O custo é relativamente baixo, as perguntas são as mesmas para todas as pessoas, o anonimato é garantido e pode conter questões especificamente voltadas para a pesquisa. A realização dos questionários apresentou um grande desafio à pesquisa. Depois de elaborados, foram enviados e reenviados aos pais e responsáveis bem como aos estudantes por três vezes. Aos alunos foi questionado se gostam ou não da escola, dos professores, dos conteúdos aplicados a eles, também sobre suas vidas familiares, acontecimentos importantes, ruins, tristes e alegres. Todas as questões abertas e com pedido de justificativa.



Aos pais/responsáveis as perguntas foram objetivas com espaço para justificativas, se assim o desejassem. Foi pedido que dissessem o que esperam da escola, se conhecem os professores de seus filhos, se sabem dos conteúdos e formas de avaliação a que são submetidos, se percebem neles o desejo de aprender, quando e como comparece a escola, dentre outras.

A entrevista semiestruturada também foi utilizada por ser um instrumento flexível de obtenção de informações sobre um projeto. Um bom planejamento e habilidade do entrevistador constam como fatores primordiais para que esse método dê certo, pois, além de levar a entrevista pronta, há que se estar atento para introduzir as modificações que se fizerem necessárias no momento da aplicação. Com esse tipo de entrevista, a obtenção de dados e informações adquiridos é bem maior que em um questionário.

Esse recurso foi utilizado com a professora da turma e possibilitou que fossem compreendidas suas concepções de Letramento, sua opinião sobre a importância da História na formação cultural do aluno, e em qual base teórica e metodológica ela se apoia para preparar as suas aulas. Pretendeu-se observar, no *corpus* levantado, qual o comportamento da professora e demais componentes da escola mediante turmas que não demonstram desejo de estudar. Quais as observações feitas nos Conselhos de Classe, se as sugestões oferecidas para uma melhora no quadro que ora se apresenta são colocadas em prática e quais os estímulos oferecidos aos estudos de História.

### **3.2 Coleta, Organização e análise de dados**

Realizar a coleta de dados se mostrou um desafio muito grande devido a vários acontecimentos ocorridos na escola escolhida para o estudo em questão. Intervenção da Gerencia Regional de Ensino (GRE) por três vezes exigindo a dissolução de turmas e o ajuntamento de outras, pois o número de alunos era insuficiente, tínhamos turmas com 20 e 25 alunos o que é inadmissível para a Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal (SEEDF). A perda de 30% de alunos, devido à péssima imagem da escola após os acontecimentos piorou ainda mais a situação. O grande golpe veio com a morte violenta de uma estudante de 13 anos que abalou significativamente a comunidade escolar, apesar de o fato não ter

ocorrido na escola. A imprensa passou mais de um mês fazendo reportagens, e matérias sobre o estabelecimento de ensino e seus problemas. A polícia militar, que raramente fazia rondas nas imediações, montou uma base de trabalho na sala da direção.

Devido às intervenções realizadas pela Regional de Ensino na escola, as turmas sofreram alterações. Três turmas foram extintas modificando, assim, a estrutura do 6º ano G. Os questionários que haviam sido entregues no mês de junho não puderam ser recolhidos. Uma nova entrega foi realizada no início de agosto, e o recolhimento só foi possível na última semana do mesmo mês, quando o prazo para enviar a coleta e organização de dados estava findando.

## **4 DISCUSSÃO E RESULTADOS**

### **4.1 Aspectos gerais**

Ao fazer a observação participativa durante as aulas, notamos que há alunos com muito interesse, que participam das atividades, e outros que parecem nem se dar conta do que está acontecendo. Há um número significativo de faltosos, ou seja, aqueles que vêm um dia e faltam dois ou três; quando comparecem, não participam de maneira positiva e com frequência são desrespeitosos e apresentam baixo rendimento.

A turma conta com 26 matriculados, sendo que dois foram transferidos, sete são considerados faltosos, cinco com bom rendimento e dez com baixo rendimento. Ressaltamos que essa escola passou por três interferências da parte da Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal (SEEDF) nos três primeiros meses de aula, pois a escola foi invadida por bandidos e traficantes, sendo necessário o fechamento da unidade de ensino até que providências fossem tomadas. Dessa forma, nossa coleta de dados ficou bastante prejudicada devido às incertezas e mudanças frequentes. Aos alunos foi aplicado um questionário aberto para que fosse respondido de maneira individual; e aos pais outro de múltipla escolha com algumas questões para justificar.

### **4.2 A professora**

Com a professora da turma em questão, fizemos uma entrevista semiestruturada, considerada como tal por ser baseada em um roteiro de perguntas abertas e ainda com possibilidade de que outras perguntas surgissem das respostas obtidas. As concepções de letramento da professora estão baseadas na ideia de que ler não é apenas decodificar as palavras, juntar as letras; ler significa ter uma visão crítica sobre o que se lê; ver as palavras no texto e no contexto; dar a elas uma significação, segundo preconiza Paulo Freire em seu livro: “A Importância do Ato de Ler” (1991). A importância da História na formação cultural do aluno é vista por ela como algo indiscutível, visto que é conhecendo os processos históricos que

entenderemos quem somos e traçaremos objetivos para o presente e futuro. Saberemos como ocorrem as mudanças e também as permanências, que História é o estudo dos seres humanos no tempo e que todos nós somos sujeitos da História.

O trabalho pedagógico da professora tem buscado focar na leitura e na escrita, tentando sempre elaborar uma aula produtiva para todos os alunos, consolidando as habilidades de alguns e ajudando os outros a adquiri-las. Há quatro habilidades a serem conquistadas: desenvolver a capacidade de expressão oral; desenvolver a capacidade de refletir sobre a língua e sobre a leitura; e desenvolver a capacidade de produzir textos. Para atingir essa meta, necessário é que haja diálogo com nosso aluno constantemente, pois isso amplia a competência comunicativa entre eles. O diálogo deve ser a marca registrada do microcosmo da sala de aula. Os alunos de classe média possuem razoável facilidade em compreender e dominar o dialeto padrão e os textos, o mesmo não acontece com os alunos da classe desprestigiada.

Não há políticas definidas para os anos finais. Nem há formação acadêmica no que diz respeito à cidadania das crianças e adolescentes. Em toda rede pública, há uma enorme dificuldade para se atingir o sucesso da aprendizagem.

### **4.3 Os alunos**

O comprometimento durante as aulas e conteúdos oferecidos é insignificante. A imagem que fazem da escola é variada. Coletamos 18 questionários dos enviados. O número dos alunos que consideram a escola muito ruim e muito boa foi o mesmo. Sete alunos em cada segmento, ficando apenas quatro no meio termo. Não ocorreram críticas quanto às instalações físicas, apenas quanto ao posicionamento dos profissionais da unidade de ensino como se a responsabilidade por uma escola ser boa ou ruim fosse apenas deles. Dos alunos que consideram a escola ruim ou péssima, apenas um afirmou não gostar das aulas de História. Dentre os que afirmaram ser mais ou menos e boas, todos afirmaram gostar.

Quando perguntamos sobre a atuação da professora de História, percebemos que eles sabem avaliar e justificar com argumentos claros, tornando inócua a ideia

de que a maioria dos professores coloque os alunos não sabem opinar sobre os assuntos relacionados à escola e ao seu funcionamento.

“Como seria uma escola para você gostar dela?” Ter mais professores legais, televisores funcionando, filmes relacionados aos assuntos, segurança, mais educação física, dois intervalos, mais animação, duas aulas, dois intervalos e ir embora, divertida, engraçada. Essa resposta reporta à necessidade de preparar as aulas mais dinâmicas, realizar projetos interdisciplinares nos quais eles sejam os atores, os responsáveis por fazer a maior parte das atividades. O professor seria um aliado, ajudaria na melhora do olhar deles sobre a escola e os profissionais que nela atuam. A fala do aluno “... deveria ter dois intervalos, duas aulas e depois a gente ir embora...” mostra que o desejo dele não está relacionado a aprender, mesmo quando o professor realiza atividades diversificadas.

“Como deveriam ser as aulas de História para você gostar delas? A maioria dos alunos respondeu que não precisaria mudar nada, pois gostam da aula, porém isso não é refletido em seus resultados. Alguns disseram que gostariam de fazer teatro, que o conteúdo fosse mais fácil e que tivesse mais diversão. Ao serem questionados se gostam de estudar, a maioria respondeu que não porque é ruim. Outros disseram que é chato, que a escola é longe de casa, não conseguem decorar as coisas, por ser obrigado. Mesmo dentre os que responderam **sim** porque é bom, há ressalvas. Estudam para ter um futuro melhor, para “ser alguém na vida” e não por gostarem.

“Você gosta de estudar História?” A maioria disse que sim. Uns porque gostam da disciplina, outros gostam do jeito de a professora ensinar. Os que disseram não gostar foram apenas dois e justificaram que não conseguem decorar, às vezes não entendem e têm preguiça. Os alunos que disseram gostar afirmam que a forma de a professora ensinar torna tudo mais agradável, mais fácil. Novamente a ideia de que tem que decorar. Mesmo a professora afirmando não ser necessário e oportunizando outros meios de aprendizagem, continua arraigado no aluno que estudar é decorar e não aprender.

Todas as atividades relacionadas à experiência escolar são mais importantes para eles, com exceção de “... tirar boas notas” e “entender o que os professores querem que eu faça”, ocorreram fora da sala de aula mesmo que no ambiente escolar, então para eles a sala é lugar de acontecerem coisas desagradáveis. Não foi qualquer tipo

de aula que eles acharam boa, foram as experiências diferentes como o interclasse, que é preparado por todos os professores sob a liderança dos profissionais de Educação Física, coordenação pedagógica e demais funcionários da escola, podendo durar até uma semana, dependendo da quantidade de equipes inscritas. Os jogos interclasse da escola em questão têm sido muitíssimos bem organizados ao longo dos anos.

Fato importante a ser relatado é que neste ano (2015) todos os professores desceram para a quadra durante o período dos jogos. Torceram, participaram, e os alunos amaram esse comportamento. Foi consenso que, depois dos jogos, os alunos voltaram para as aulas com a autoestima bem mais elevada e mais próximos aos professores. Embora seja muito trabalhoso e dispendioso para os docentes, todos concordam que é fundamental que momentos como esse sejam oportunizados aos estudantes. As festas foram mencionadas. Para eles são momentos lúdicos de diversão e alegria. A festa do dia do estudante foi à fantasia e contou com um mágico profissional, pago pelos professores e a direção ofereceu o lanche. Os alunos participaram de um campeonato de dança e a alegria foi contagiante.

Quando eles não são convidados a participar da preparação das atividades, serem somente expectadores eles não valorizam, fazem bagunça e dão muito trabalho.

“E a experiência escolar mais difícil?” Estudar, estudar sem querer, frequentar a escola, primeiro dia de aula, estudar português, show de talentos, envolvimento com “pessoas erradas”, receber anotação na ficha pela primeira vez, estudar para as provas. É preciso que os alunos entendam que é importante estudar, não apenas para passar de ano, mas, sim, para a vida. Ensinar, no sentido etimológico, significa “colar uma insígnia”, ou, nesse caso, um saber. Mas quem precisa dispor-se a aprender por entender que ninguém o fará por ele é o aluno.

... só há ensino quando há companheirismo entre ensinante e ensinado, educador e educando, pois o que caracteriza o ensinar é a ultrapassagem da coexistência para a convivência. (MORAIS, 1986, p. 10)

Qual foi a experiência relacionada aos estudos que mais marcou sua vida? Quase todos disseram que nenhuma. Os que responderam disseram que foi estudar História e citaram os conteúdos: Mesopotâmia e pré-história. Não ter uma experiência marcante na vida escolar é bastante incomum, pois o tempo escolar tem parcela

significativa na vida deles, pelo menos cinco horas diárias, 25 por semana; se o mês tiver quatro semanas, serão 100 horas.

Sobre a experiência mais importante de suas vidas disseram ser os aniversários, jogar futebol, o irmão se formar na faculdade, conhecer pessoas que realmente acreditam neles, conseguir um trabalho, ser aluna destaque, ter uma família. Seis disseram não ter tido experiências importantes na vida. Todas as experiências importantes de suas vidas, com exceção de ser aluna destaque, foram relacionadas à família. Talvez uma participação mais efetiva da família na vida escolar dos seus filhos pudesse levá-los a acreditar mais na importância de estudar. O desinteresse dos pais pode estar sinalizando para os filhos que estudar não é importante, pois, se fosse, eles estariam participando da vida escolar deles.

Sobre a experiência pessoal mais difícil, a perda de membros da família foi citada várias vezes; perder o/a primeiro/a namorado/a; apenas seis disseram que não sabiam. Novamente o principal foi ligado à família. Perder pessoas do seu convívio afeta profundamente a vida do estudante. Os docentes precisam ser cuidadosos e perceber esses acontecimentos que podem modificar o comportamento dos alunos tornando-os mais agressivos e, por vezes, apáticos. Embora seja difícil devido ao grande número de alunos, indiferença será muito prejudicial ao relacionamento em sala de aula. Portanto aproveitar esse momento certamente trará o apreço e simpatia do aluno para com aquele que lhe for solidário. Uma pequena conversa, uma demonstração de afeto e interesse pela situação, será muito importante para o aluno.

No último quesito, “você gostaria de falar sobre alguma coisa que não perguntei”, foram unânimes em responder que não. O estudante não tem o hábito de opinar, dar sua contribuição, tem preguiça, e isso ficou perceptível nos questionários nos quais fizemos perguntas sem oferecer alternativas. Foram várias tentativas até que conseguíssemos obter respostas diferentes de **sim** e **não**. A escola não é palco de democracia. Os estudantes não opinam nada.

#### 4.4 A família

Temos assistido a um fenômeno ocorrido na maior parte dos países ocidentais desenvolvidos que é o surgimento de políticas públicas educacionais com vistas ao desenvolvimento da participação e da cooperação entre as famílias e a escola. Em 1994 o governo norte-americano de Bill Clinton estabeleceu a oitava meta da educação como colaboração entre as famílias e a escola (*Goals 2000: Educate America Acts*). Em 1990, na Inglaterra, o governo trabalhista de Tony Blair criou um “contrato casa-escola” (*home-school contracts*), mediante o qual os pais britânicos assumiam responsabilidades no plano da disciplina, assiduidade, realização de deveres de casa de seus filhos. Em 1998, o Ministério da Educação da França lançou uma campanha pela parceria família-escola (*Campagne nationale sur le nouveau partenariat école-famille: confiance et ouverture*) que criava a “Semana dos Pais na Escola”. No ano de 2002, a Comunidade Europeia designou o dia 8 de outubro como o *Dia Europeu dos Pais e da Escola*. Com esse pequeno giro internacional, conclui-se que a integração entre as famílias usuárias e os sistemas de ensino “adquiriu uma tal visibilidade que se diz mesmo estar na moda” (DIOGO, 1998, p.880).

No Brasil essa mesma tendência se fez notar. Em 24 de abril de 2001, o Ministério da Educação Cultura (MEC) que tinha como Ministro da Educação Paulo Renato de Souza, lançou, pela televisão e com o auxílio de artistas famosos, o Dia Nacional da Família na Escola, que deveria acontecer a cada semestre em todos os estabelecimentos de ensino. A programação do evento ficaria a cargo de cada escola, mas nesse dia deveria se estabelecer um trabalho em parceria com os pais. O material oferecido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) era um *Kit*, contendo cartaz, *folder*, adesivos da campanha etc. Foi distribuída nas escolas públicas uma cartilha intitulada *Educar é uma tarefa de todos nós: um guia para a família participar no dia a dia, da educação de nossas crianças*, que fornece sugestões de como as famílias podem no cotidiano contribuir para a formação dos filhos, em casa (SILVA, 2006).

Também de iniciativa do Ministério da Educação, entre dezembro de 2004 e janeiro-fevereiro de 2005, veiculou-se em todo território nacional e por meio da mídia eletrônica, uma campanha publicitária conclamando as famílias brasileiras, usuárias



de escolas públicas, a receber em seus domicílios os pesquisadores do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) e responder suas perguntas acerca da opinião e do grau de satisfação com relação ao serviço público escolar que recebem no Ensino Fundamental e Médio. Os resultados de tal pesquisa não foram amplamente divulgados.

Ao que parece, o motivo principal das ações estatais associa-se a uma estratégia de promoção do sucesso escolar, uma vez que várias pesquisas vêm demonstrando a influência positiva sobre o desempenho acadêmico, do envolvimento da família na escolaridade dos filhos, o que contribuiria para a redução das taxas de evasão e de repetência. No Brasil, no entanto, ainda faltam estudos e evidências empíricas suficientes de tal fenômeno.

Há uma difusão de um discurso, tanto por parte dos profissionais do ensino quanto pelas famílias, que prega a importância e a necessidade do diálogo e da parceria entre as duas partes, com vistas a um ajustamento e uma coerência entre as ações educativas produzidas por essas duas agências de socialização. Grande parte dos estabelecimentos de ensino, tanto nacionais quanto estrangeiros, abrem possibilidades para que a família participe efetivamente das decisões e no funcionamento das escolas. É perceptível que as famílias estão desejosas de participar ativamente da vida escolar de seus filhos. Começam a ver a participação como um direito democrático, e o Estado vem incentivando tal envolvimento e criando mecanismos para que ele se viabilize.

No caso dos pais em questão, não foi percebido esse desejo de participar. Esta afirmação é feita com base em todas as chances oferecidas pela escola para receber os pais, inclusive marcando reuniões no turno da noite, efetuando ligações e enviando comunicados. A justificativa deles é que trabalham fora e não têm tempo para ir à escola. Dos vinte e quatro questionários enviados para casa, com o intuito de ouvir os responsáveis, retornaram sete depois de diversas tentativas. Todos respondidos por mães. Quase todas possuem apenas o ensino fundamental e seus pais apenas o fundamental incompleto ou não estudaram. Consideram que a importância dos estudos na vida de uma pessoa é “o abrir de portas”, ter uma melhor condição de vida, ter uma boa profissão, uma vida financeira estabilizada e ter conhecimento. Porém os estudantes sabem que, com o tipo de

ensino que recebem, não terão boas oportunidades de trabalho, o que os deixa bastante desmotivados.

A família espera que seus filhos tenham progresso e sejam bem-sucedidos, mas não podem/querem dispor de tempo algum para estar com eles, para demonstrar que está cuidando deles. Não sabem sobre a escola, dos métodos de avaliação, não conhecem os professores de seus filhos e não lhes fazem perguntas sobre suas vivências na escola. A responsabilidade é deixada em outras mãos que não as suas. Esperam que a escola de seus filhos ofereça um ensino de qualidade, que seja acolhedora, que ensine com carinho, respeito e dedicação, que dê maior importância ao aluno ajudando-o na compreensão dos conteúdos aplicados. Uma mãe disse que não depende da escola para se ter uma boa educação. Algumas não encobrem o fato de que seus filhos são preguiçosos, desinteressados e não gostam de estudar. Há as que afirmam que seus filhos são interessados; dizem que eles nunca repetiram o ano, sempre estão estudando e reclamam da falta de vontade de ensinar por parte do professor. Esperam que seus filhos se tornem bons cidadãos e bons profissionais.

Cinco mães responderam que leem jornais, revistas, gibis, livros de autoajuda, esporte, saúde e higiene além da “Bíblia”. Acreditam que os filhos precisam completar o ensino superior e fazer pós-graduação, porém, quando questionadas sobre o tempo gasto por semana acompanhando seus filhos nas tarefas escolares, cinco das sete disseram que não dispõem de tempo algum, pois trabalham a semana inteira. Duas afirmaram gastar duas horas por semana. E a metade delas não conhece os conteúdos que seus filhos deveriam estudar no sexto ano. Sobre a importância dos estudos de História em nossas vidas, disseram que nossa vida é uma História e precisamos ter conhecimento dos acontecimentos; que toda História é importante; conhecer nossas origens, nossa cultura nos faz compreender melhor nosso país e também para vermos como está evoluindo a humanidade. Uma mãe disse que é desnecessário.

“Que visão seu filho tem da disciplina de História?” Três disseram que não sabem; duas que eles não gostam; e duas disseram que sim, pois os filhos chegam contando sobre as aulas. Não sabem também quais os critérios usados pela professora para avaliar seus filhos e comparecem à escola apenas quando são

convocadas. Quando indagadas sobre as dificuldades encontradas por seus filhos em História, as que disseram que os filhos têm dificuldades entendem simplesmente ser porque eles não gostam de ler, têm dificuldades para responder e falta um pouco mais de explicação por falta do professor. Uma delas disse não saber informar. Quatro delas não conhecem a professora de História dos seus filhos. Portanto, a responsabilidade pelo sucesso dos adolescentes parece ser unicamente da escola e principalmente do professor.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os alunos do 6ª ano G de uma escola pública da cidade de Ceilândia no Distrito Federal, pudemos perceber que o comportamento deles, mediante as aulas e conteúdos oferecidos, é de muito desinteresse. Não sentem atração pelo que ouvem e fazem. As tarefas, atividades e conteúdos são quase sempre desprezados. A forma de apresentação não faz parecer que é para eles. Não se sentem parte do processo. Apenas estão na sala de aula porque são obrigados e, mesmo assim, sempre que possível, fogem.

A professora de História se dispôs, neste ano letivo, a efetuar pequenas mudanças em sua forma de lidar com os alunos e apresentar o conteúdo. Anteriormente sua preocupação era em apresentar todo o conteúdo de maneira expositiva, utilizando o livro didático, com muitas atividades para casa que frequentemente voltavam sem serem feitas – e os alunos perdiam pontos. As tarefas continuaram a ser aplicadas, mas, se trazem sem responder, eles têm a chance de corrigir junto aos que realizaram e apresentar novamente, recebendo, assim, a nota.

Notou-se uma melhora na participação dos estudantes, e a maioria deles diz gostar de História e da professora. Nas aulas não há tumultos e alunos não são enviados para a sala de disciplina ou direção. Os desafios disciplinares e de aprendizagem são tratados, na maioria das vezes, em sala, e a família é convocada para que, junto aos professores, busquem a melhor forma de auxiliar os estudantes. O “novo olhar” da professora, que há dois anos e meio tem participado do grupo de estudos na própria instituição de ensino e há um ano está realizando um curso de especialização pelo CFORM, tem auxiliado nessa mudança de comportamento para com a tarefa de ensinar.

É muito importante que o educador creia no seu potencial de aprendizagem pessoal, que continue na busca de evoluir, que integre sempre novas experiências e dimensões do cotidiano, e que compreenda seus limites, seu jeito de ser, e sua história de vida. Um educador com credibilidade e uma visão construtiva de vida contribuirá bastante para que os alunos se sintam motivados a continuar, a querer aprender, e a ter autoaceitação.

Os fundamentos da aprendizagem e as principais teorias sobre motivação, pois só sabe motivar para a aprendizagem quem conhece como os alunos aprendem. A formação do professor e a sua visão social são determinantes, aliado às suas atitudes em sala de aula e à organização do ensino. (RAASCH, 2015).

Como dito anteriormente, a participação e o comprometimento das famílias é ínfimo. E muitas vezes os responsáveis comparecem apenas para reforçar o comportamento inadequado dos filhos e para culpar os professores e a instituição de ensino. É preocupante o desconhecimento que as famílias apresentam sobre os assuntos relacionados à vida de seus filhos na vida escolar. Isso pode ser percebido em quase todas as respostas dadas às questões nas quais não se exigiu identificação. Sentem que estão sozinhos. E querem essa atenção a qualquer custo. Os alunos, portanto, trazem de casa muitas carências que a escola não pode resolver. Pode até ser mediadora, mas não solucionará questões que são pertinentes a outras áreas. Muitos trazem de casa o reflexo do mau relacionamento dos pais, da falta de condições dignas de vida, reflexos da crise econômica e certamente da falta de amor que é perceptível em suas ações e atitudes. As mães que responderam ao questionário afirmaram não ter competência e entendimento para influenciar seus filhos no que diz respeito ao ato de estudar. Esperam que a escola tome todas as providências e os problemas de aprendizagem vão se acumulando. Leiamos o que afirma RAASH (2015, p.14):

As crianças que apresentam dificuldades de comportamento na escola e muitas vezes têm experiências de fracassos, em alguma área do desenvolvimento, merecem uma atenção especial da família, no sentido de terem a chance de construir uma autoestima positiva. As crianças pequenas precisam da aprovação de seus pais para saber quem são, e do que são capazes, portanto, correspondem aquilo que esperam dela, criar um momento de intimidade, e construir uma relação de amizade e confiança, estimular a criança a terminar tudo que começou, ser um ponto de referência seguro e amável, são caminhos que a família pode usar para que a criança tenha uma melhor aprendizagem.

Quando os pais agem de maneira natural e tranquila proporcionando aos filhos situações de convívio familiar em que possam se expressar e entender as expressões, correções, auxílio amoroso e firme de seus pais muitas habilidades emocionais podem ser desenvolvidas. Aproximar deles em momentos em que estão fora de controle dará a oportunidade para ensiná-los como identificar e reagir de maneira saudável e adequada aos seus sentimentos sem que sejam tomados pela culpa ou se sentirem errados, por experimentarem raiva, ira, angústia, medo, e

outros sentimentos afins. Os pais são responsáveis por ajudar os filhos a construírem uma imagem positiva de si mesmos, pois a opinião que a criança tem de si está intrinsecamente relacionada com sua capacidade de aprendizagem e com seu rendimento.

Tendo êxito nas atividades que realiza o adolescente passa a confiar em sua capacidade e isso o fortalece para outras conquistas. Ele entende que pode que é capaz, que consegue. Ao serem ensinados que terão frustrações, que farão algumas coisas muito bem e outras nem tanto e que os adultos também são assim, erram em muitas coisas e precisam voltar atrás, pedir desculpas e recomeçar, eles se sentirão estimulados a fazer o melhor possível.

É importante que se tenha claro que a estrutura da família é também resultado de uma estrutura social, e a relação família- escola também é resultado de outras relações da sociedade. É relevante recordar aqui a argumentação de Charlot (2000) que destaca o fracasso escolar como um fato que deve ser contextualizado dentro da perspectiva histórica do sujeito analisado, o que não significa individualizar o problema e culpabilizar o aluno. (VARANI e SILVA, 2010, p. 519). A família precisa aderir aos propósitos educativos da escola. A instituição de ensino tem oportunizado momentos para que conheçam e participem mais das atividades escolares e mude sua visão sobre a função e propósitos do ensino.

Reuniões com pais para conversas informais sobre educação, criação de filhos, organizadas pela coordenação pedagógica e orientação educacional, em horários alternativos, bazar, festa junina, dois encontrinhos de jovens (um no primeiro semestre e outro no segundo) quatro reuniões bimestrais com pais e mestres, essas têm sido atividades promovidas pela escola para trazer a família para o ambiente escolar. Nota-se que a participação dos pais é muito pequena, no entanto, a família não é convidada a participar efetivamente da construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, que é elaborado pelo corpo docente e gestores. Também não são convidados a participar da elaboração dos eventos, a dar sugestões a se envolver com a escola. Constata-se que nem sabem da existência do PPP (Projeto Político Pedagógico) e quem sabe aceitam passivamente. Por outro lado, a escola afirma sempre a importância da participação e parceria da família,

mas não tem conseguido efetivar essa participação. Segundo Paro (2008, p. 130), não basta permitir formalmente que os pais de alunos participem da administração da escola, é preciso que haja condições propiciadoras dessa participação.

Quando a escola oferece ocasiões de diálogo, convivência, e inclusão na vida escolar e promove a extensão da função educativa para os pais, a participação destes nas decisões da instituição de ensino será verdadeira e terão as condições necessárias para influir a respeito das ações e objetivos da escola.

(...) estarão investindo na melhoria da qualidade da educação de seus filhos bem como na melhoria de sua própria qualidade de vida, na medida esses adultos estarão mais capazes, intelectualmente, de usufruir melhor de bens culturais a que têm direito e que antes não estavam a seu alcance (PARO, 2001, p. 68).

A comunicação da escola com os pais é precária. Na atualidade praticamente todas as pessoas utilizam o telefone celular como meio de comunicação, porém é raro ter condições financeiras para obter uma linha de cada operadora, ficando, assim, condicionada a comunicação com os pais à boa vontade dos professores que emprestam seus celulares quando o motivo é muito sério e há urgência na comunicação. Então a estratégia são os famigerados bilhetinhos. Dizemos que são bilhetinhos, pois em uma folha de A4 precisa caber quatro e às vezes até seis deles, pois há que se economizar papel. Esse instrumento é duvidoso, na maioria das vezes o aluno perde ou esquece-se de entregar, cerceando assim a participação dos pais na maior parte dos eventos.

Quando mudamos nosso conhecimento anterior através de uma experiência, uma ideia, um comportamento ou conceito, ocorreu aprendizagem. Com os alunos isso só acontecerá se o assunto lhes desafiar, lhes chamar atenção, por isso é interessante que os conteúdos sejam contextualizados, que a “língua” falada seja a deles. Para que ocorra aprendizagem é preciso haver interação. E interação significa “influência ou ação recíproca”, feita com o professor, com os colegas, com os materiais e ou recursos tecnológicos; entretanto o ser humano aprende, à medida que vivencia experiências e desenvolve o pensamento. O pensamento é a maneira da inteligência se expressar, portanto é no pensamento, que mora a aprendizagem. Cada vez que o pensamento muda, o aprendiz produz seu próprio conhecimento.

Conhecimento esse que se dá através do desenvolvimento de estruturas mentais que são organizadas internamente.

As experiências vividas e a riqueza delas ampliará o desenvolvimento do pensamento e melhorará a qualidade do conhecimento e da aprendizagem, pois o desenvolvimento do pensamento é a mistura, a interposição das estruturas mentais particulares de cada um e o ambiente. O desenvolvimento do pensamento se dá através da relação de quem aprende com o mundo que o rodeia daí a importância do ambiente ser repleto de estímulos e desafios para que o mesmo possa organizar os seus processos internos e se adaptar à realidade; convivendo com outras pessoas, resolvendo situações que surgem no dia a dia adia que a pessoa terá oportunidade de organizar, reorganizar e construir cada vez mais suas estruturas mentais e atingir o equilíbrio, que é uma etapa bastante individual do processo, pois cada pessoa tem sua maneira própria de desorganizar para depois se reorganizar e assim, atingir um equilíbrio interno que servirá de alicerce para as próximas experiências. Por isso se faz necessário oportunizar aos alunos uma infinidade de experiências e desafios com o propósito de auxiliá-los, fazê-los crescer e se tornarem independentes e autônomos.

Em algumas situações, o ponto central da análise não deve ser a aprendizagem do aluno, mas sim, o tipo de ensino que a escola ou o professor proporcionam. Cada pessoa tem sua forma e seu tempo de aprendizagem, porém é muito comum que o profissional de educação queira ensinar a todos da mesma maneira, não conseguindo planejar formas alternativas de ensino para os alunos que não aprendem determinado conteúdo da forma como a maioria das pessoas aprendem. Na insistência de utilizar um método inadequado, acaba por criar no aluno aversão e ódio pela matéria pelo resto da vida.

A habilidade da leitura precisa ser desenvolvida nos alunos, pois os mesmos chegam ao 6º ano com muita dificuldade de e de leitura e interpretação de textos. Alguns não conseguem nem decodificar e escrevem seus próprios nomes com letras minúsculas, o que demonstra a dificuldade que os professores encontram para ensinar qualquer conteúdo a eles. Ao abrir o livro de História, a maioria só ajunta letras. Sem a condição de saber ler como uma pessoa poderá ter plena participação social e acesso à informação e à cidadania? É preciso levar nossos alunos a “ler o mundo”, os filmes, as placas, a música, o jornal, o discurso político,



as entrelinhas, as obras de arte, o gráfico, o e-mail, os livros, os textos visuais, escritos e auditivos. Ler desenvolve as habilidades cognitivas, e uma pessoa que não lê dificilmente escreverá bem. Fazer uma leitura inferencial, objetiva e avaliativa tornará o aluno sujeito de sua própria vida. A leitura fará sentido e terá coerência quando conseguirmos perceber as intenções do autor, trabalhar a leitura com os alunos é mais que os fazer entender as palavras, mas sim fazer com que entendam o contexto em que foi produzido, o gênero em que está inserido com suas características e formas específicas, as intenções do produtor do texto e as informações implícitas fornecidas pelo texto.

Há algumas estratégias e aspectos que podem ser desenvolvidos com textos em uma aula de História. Possibilitar que tenham contato com diversos gêneros, dentro de uma mesma temática. Para cada gênero textual, há uma construção textual específica de acordo com a intencionalidade, a informatividade, a estruturação e o contexto histórico. Gênero é sinônimo de historicidade. Entende-se que todas as disciplinas têm a tarefa primordial de ensinar a ler e a escrever, e o professor é aquele que apresenta as diferentes possibilidades de leitura em variados gêneros. Ele conduzirá os alunos nessa caminhada e os levará a estabelecer significados e interpretar textos e situações diferenciadas que lhes proporcionarão novas experiências e novas formas de utilizar a leitura e a escrita. É nessa perspectiva que a professora de História do 6ºG tem trabalhado.

Ficou, ao final deste estudo, bastante claro que, para o aprendizado ser significativo, além da participação dos pais na vida escolar de seus filhos – dispor de tempo para auxiliar seus filhos nas tarefas escolares, participar das decisões da escola, da construção do Projeto Político Pedagógico e dos conselhos de classe – deve haver empenho dos professores em motivar o aluno, buscando conhecimentos e aperfeiçoamentos de suas práticas. Também se faz necessário que haja políticas públicas motivadoras para que os alunos que estão nas faculdades e universidades se preparando para ser um profissional da educação tenham em seus currículos matérias que contribuam para que compreendam e apliquem em sala as concepções de letramento. Dessa forma, os currículos precisam ser mais flexíveis, e os programas e projetos implementados nas escolas devem ser voltados para as práticas sociais efetivas, pois de que adianta o professor ficar “nadando contra a

maré”, trabalhando de uma forma e as políticas governamentais indo em direção oposta?

Assim compreendemos que o que causa o desinteresse e a falta do desejo de aprender não é apenas um fator, mas vários que estão entrelaçados e que só poderão ser modificados com bastante dedicação e diálogo entre todos os envolvidos tendo em vista que as crianças e adolescentes envolvidos nesse processo serão os maiores beneficiados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICZ, Anete e MOOL, Jaqueline. **Para além do fracasso escolar**. Campinas: Papyrus, 1997

ABRAMOVAI, Míriam. **Escolas Inovadoras: experiências bem sucedidas em escolas públicas/** Míriam Abramovai *et al.* – UNESCO, Ministério da Educação, 2004.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de Caso em Pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

BARBOSA, Eduardo F. **Instrumentos de coleta de dados em pesquisas educacionais** em [www.inf.ufsc.br/.../instumento/\\_coleta\\_dados\\_pesquisas\\_educacionais...](http://www.inf.ufsc.br/.../instumento/_coleta_dados_pesquisas_educacionais...)

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (editores). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 7. ed., 2008.

BOULOS JUNIOR, Alfredo-**História e Cidadania**. Edição Reformulada, 6ºano-2. ed. São Paulo, 2012.

BRASIL. Constituição (1988) Constituição da República Federativa do Brasil. 40 ed. São Paulo: Saraiva, 2007. BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Tradução Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000..

COHEN, Ruth Helena Pinto. **A lógica do fracasso escolar: psicanálise e educação**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2006.

D' ANTOLA, Arlete (Org). **Disciplina na escola: autoridade versus autoritarismo**. São Paulo: E.P.U., 1989.

DIOGO, Ana M.**Família e Escolaridade**.Lisboa: Colibri, 1998.

DIDIO, Lucie. **Como produzir monografias, dissertações, teses, livros e outros trabalhos**. São Paulo: Atlas, 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, **Minidicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Diadorim Editora Ltda., 1995.

- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 2 ed. São Paulo: ARTMED, 2002.
- FREITAS, Luiz Carlos de. **Uma pós-modernidade de libertação: reconstruindo as esperanças**. Campinas: Autores Associados, 2005.
- FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antônio. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1991.
- GERALDI, João Wanderlei (Org). **O texto em sala de aula**. Ed. São Paulo: Ática, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1995.
- GOMIDES, José Eduardo- **A definição do problema de pesquisa a chave para o sucesso do projeto de pesquisa**. Revista do centro de ensino superior de Catalão – CESUC- Ano IV- nº06 – 1º semestre – 2002.
- KALOUSTIAN. **O papel da família e da escola na aprendizagem..** Acessado em 08/08//2015.
- KAMIL, Constance. **A criança e o número**. Campinas: Papyrus, 1986.
- KLEIMAN, Ângela B. (Org). **Os significados do letramento – Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. 1ª Ed. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- LIMA, Raymundo de; FREGONEZZI, Marta Dalla Torre. **A Felicidade existe? – Freud, a psicanálise e a felicidade**. In Revista Espaço Acadêmico, n. 59, abril, 2006.
- LUCKESI, Carlos Cipriano. **A criança e sua poética, brincar e seriedade. O adolescente e sua poética**. Meio eletrônico. [www.faceb.ufba/RDdisciplinas/Gepel - Educaçao e Ludicidade](http://www.faceb.ufba/RDdisciplinas/Gepel - Educaçao e Ludicidade). Publicado originalmente no site [w.w.w.luckesi.com.br](http://w.w.w.luckesi.com.br) em 12/01/2006.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais eventos comunicativos**, in SIGNORI, Inês (Org). **Investigando a relação oral / escrito e as teorias do letramento**. São Paulo: Mercado das Letras, 1997.
- MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- MORAIS, Regis de. **O que é Ensinar?** São Paulo: EPU, 1986.

NOGUEIRA, Maria Alice. **A relação família-escola na contemporaneidade: um fenômeno social /interrogações sociológicas.** In: Análise Social, v. XL nº 176, 2005, p. 563-578. Disponível em: [www.fae.ufmg.br/osfe](http://www.fae.ufmg.br/osfe).

----- **Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação.** In: Educação e realidade, 31 (2): 155 -170, julho /dez. 2006.

NOGUEIRA, Cláudio Marques M. e outros. **A influência da família no desempenho escolar: estudo de dados da geração escolar 2005.** Trabalho apresentado no GT Educação e Sociedade do XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, julho de 2009. Disponível em: [www.fae.ufmg.br/osfe](http://www.fae.ufmg.br/osfe).

PARO, Vitor Henrique. **Administração escolar e qualidade de ensino: o que os pais ou responsáveis têm a ver com isso?** In: Bastos, João Baptista (Org.). Gestão democrática. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A: SEPE, 2001. p. 57-72. (Coleção o Sentido da Escola).

RAASH, Leida– **A motivação do aluno para a aprendizagem.** Pesquisa realizada por meio eletrônico. Disponível em [www.tupi.fisica.ufmg.br/michel/.../Motivacao/motivacao%.do20%-aluno.pdf](http://www.tupi.fisica.ufmg.br/michel/.../Motivacao/motivacao%.do20%-aluno.pdf). Acessado em julho/setembro/2015.

RUDEL, Douglas. **Dicionário de Psicologia Prática.** Obtido via Internet no site <http://paginas.terra.com.br/arte/rudeldouglas/Dicionario.html> acessado em 13/11/2007

SILVA, Gisele FB. **A relação família-escola na legislação educacional brasileira (1988- 2005).**elo Horizonte: Faculdade de Educação/UFMG, 2006. Monografia de Graduação.

SILVA, M. Elson. **Alfabetização e Letramento.** São Paulo: Cortez, 1995. 115 p

SILVA, Élson M. da. Artigo: **Reflexões acerca do letramento: origem, contexto e histórico.** Disponível nos site: <http://www.docstoc.com/docs>. Acessado em 15/08/2015.

SOARES, Magda. **Letramento – Um tema em três gêneros.** 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SZYMANKI, Maria Lídia Sica; PEREIRA JUNIOR, Antônio Alexandre. **Diagnóstico e Intervenções Pedagógicas.** Cascavel: Estadunidense, 2006.

SZYMANSKI, Maria Lídia Sica; PEZZINI, ClenildaCazarin. **O novo desafio dos educadores: como enfrentar a falta de desejo de aprender?** [www.unioeste.br/curso/cascavel/.../18%20clenilda%20clenilda%ocazini.pdf](http://www.unioeste.br/curso/cascavel/.../18%20clenilda%20clenilda%ocazini.pdf). Acessado em 01/08/2015.

----- **Falta do desejo de aprender- Causas e consequências.** <[www.diaadiaeducacao.pr.gov.br.gov.br/portals/pde/arquivos/853-2.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br.gov.br/portals/pde/arquivos/853-2.pdf)>.

Acessado em 01/08/2015.

TUBOITI, Nair Cristina da Silva. **Grupos Áulicos: da organização do cotidiano na sala de aula ao direito à aprendizagem.** Meio eletrônico  
[www.bdt.d.uceb.br/tede/tede\\_busca/arquivo.phd?codArquivo1704-30agosto2012-t911g.Tuboiti](http://www.bdt.d.uceb.br/tede/tede_busca/arquivo.phd?codArquivo1704-30agosto2012-t911g.Tuboiti), acessado em 11/09/2015..

VARANI, SILVA-**A relação família-escola: implicações no desempenho escolar.**  
R.bras.pedag, Brasília, v.91, n.229, p.511-527, set./dez - 2010.

VIANA, Claudio dos Santos. **O uso da ludicidade como instrumento para provocação do conhecimento no ensino médio.** Trabalho apresentado para obtenção do título de especialização oferecido pelo CEAD-UNB, Brasília, 2009.